

## TEXTO I

O homem é essencialmente Divino. Contudo, ele se vê como um indivíduo, limitado e temporário porque está emaranhado nas características dos Cinco Elementos, ou seja, som, toque, forma, sabor e odor. Esse erro ocasiona alegria e sofrimento, bem e mal, nascimento e morte. Livrar-se dessa ligação aos elementos, libertar-se das influências de suas características é o sinal de Libertação, chamado em sânscrito *kaivalya-mokṣa* ou *mukti*. Os nomes podem variar, porém o objetivo alcançado é o mesmo.

Enquanto permanece emaranhado nos cinco elementos, o homem é seduzido, distraído ou desapontado por eles. Tudo isso causa sofrimento. A riqueza, as posses - veículos, imóveis - tudo é transmutação dos cinco elementos. O homem anseia por eles e os menospreza quando os perde ou não consegue obtê-los.

Vamos analisar os Cinco Elementos um por um. Os seres vivos possuem o primeiro elemento, a Terra, como sua base. A Água, o segundo elemento, é a base para a Terra. A Água é produzida pelo Fogo, o terceiro elemento, que provém do Vento, o quarto elemento. O Vento ou *vāyu* surge do Éter, ou *ākāśa*. *Ākāśa* emerge da Natureza Primordial, que nada mais é que a manifestação de um dos aspectos da majestade de Deus ou o Supremo Soberano *ātmā*, o *paramātma*.

Buscando esse *paramātma*, origem e essência do universo, o Indivíduo ou *jīva* que se emaranhou nos elementos, tem que superar os elos, um por um, através do discernimento e da prática constante do desapego. Essa pessoa é um *sādhaka*. Aquele que vence essa batalha é o *jīvanmukta*, o “liberto ainda em vida”.

Para desenvolver esse discernimento e visualizar a sua realidade inata, a pessoa deve estudar as *upaniṣads*. Elas são chamadas coletivamente de *vedānta*. Formam o *jñāna-kāṇḍa* dos *vedas*, a seção que trata da Sabedoria mais Elevada. A libertação das consequências da Ignorância pode ser assegurada somente pelo Conhecimento ou *jñāna*. As próprias *upaniṣads* declaram: *jñānādeva tu kaivalyam*; “Somente pelo Conhecimento a liberdade pode ser conquistada”.

## TEXTO II

Os *vedas* são famosos por serem “tripartite”. “*kāṇḍa-trayātmakam*”; as três partes são *jñāna*, *upāsana* e *karma*. Essas três partes são também encontradas nas *upaniṣads*. Elas também proporcionam a base dos sistemas filosóficos *advaita*, *viśiṣṭādvaita* e *dvaita*.

O termo *upaniṣad* designa o estudo e a prática da verdade inata. *Brahmavidyā* significa a supremacia da contemplação espiritual. A palavra *yogaśāstra* designa a purificação mental que conduz ao sucesso. Qual é a principal atividade necessária ao homem? Qual o elemento básico a ser conhecido? Não é nada além da sua própria realidade básica. As *upaniṣads* descrevem as várias fases e os diferentes métodos dessa busca para a realização desse objetivo.

O termo é cheio de significados. “*Upa*” significa o processo de estudar com “*niṣṭhā*” ou afinco; “*śad*” significa a conquista da Realidade Última. Daí surgiu a palavra *upa-ni-śad*. As *upaniṣads* não ensinam somente os princípios de *ātmavidyā*, mas ensinam também a maneira prática para a realização desse princípio. Elas apontam não apenas os deveres e obrigações a serem cumpridos, mas também as ações a serem empreendidas e aquelas a serem evitadas.

A *gītā* nada mais é do que a essência das *upaniṣads*. Através dos ensinamentos da *gītā*, Arjuna colheu os frutos da obediência às *upaniṣads*. Nas *upaniṣads* encontra-se a afirmação “*tat-tvam-asi*” “Tu és Aquele”. Na *gītā*, Kṛṣṇa diz a Arjuna: “Eu sou Arjuna entre os *pāṇḍavas*”, quer dizer “Eu e Você somos o mesmo”, ou seja, “Tu és Aquele”, isto é, *jīva* e *īśvara* (a Alma e Deus) são o mesmo ser.

Portanto, seja na *gītā* ou nas *upaniṣads*, o ensinamento é a Não-Dualidade; não a Dualidade ou o Monismo qualificado. O olho humano não pode penetrar nem no microcosmo, nem no macrocosmo. Não pode desvendar o mistério do vírus, do átomo, ou do universo estelar. Por isso, os cientistas valem-se do telescópio e do microscópio para complementar a capacidade dos olhos. De forma semelhante, os sábios são capazes de vivenciar a Divindade através dos olhos do conhecimento, obtido pela obediência ao *dharma* da conduta moral e da disciplina espiritual. Quando os olhos humanos necessitam de instrumentos externos para observar até mesmo um insignificante verme ou vírus, como o homem pode se recusar a passar pelo processo do *mantra* quando deseja ver o Princípio onipresente e transcendente? É muito difícil conquistar o olho da sabedoria. Concentração é essencial para isso. E, para a concentração se desenvolver e se estabilizar, três coisas são muito importantes: pureza de consciência, percepção moral e discernimento espiritual. Essas qualificações são difíceis de alcançar pelas pessoas comuns.

## TEXTO III

O homem é dotado com o instrumento do discernimento, do julgamento, da análise e síntese, que somente ele possui dentre todos os animais. Ele deve desenvolver e utilizar esses instrumentos para o melhor propósito, pois é através deles que poderá realizar a Divindade Imanente.

Ao invés disso, o homem atormenta a si mesmo e aos outros com questões como: onde Deus reside? Se Ele é real, por que não pode ser visto? Ouvindo-se essas perguntas sente-se pena dos pobres questionadores, pois anunciam a própria insensatez. São como tolos que aspiram aos títulos universitários sem ao menos se esforçarem para aprender o alfabeto. Eles aspiram compreender Deus sem impor a si mesmos o trabalho de praticar o *sādhana* (disciplina espiritual) necessário. As pessoas que não possuem força e pureza moral falam de Deus e da Sua existência e menosprezam os esforços para vivenciá-Lo. Essas pessoas não têm o direito de ser ouvidas.

O *Sādhana* Espiritual está baseado nos sagrados *śāstras*. Eles não podem ser dominados num piscar de olhos. Não podem ser aprendidos através de discursos. Suas mensagens estão resumidas nas *upanišads*; portanto estas são respeitadas por sua autoridade. Não são produtos da inteligência humana. São os sussurros de Deus para o homem. São partes dos eternos *vedas*, que brilham gloriosamente através de todas as suas partes.

As *upanišads* são autênticas e dotadas de autoridade, pois compartilham a glória dos *vedas*. São em número de 1180, mas, com o passar dos séculos, muitas delas desapareceram da memória humana e agora somente 108 sobreviveram. Dessas últimas, 10 alcançaram grande popularidade em virtude da profundidade e valor dos seus conteúdos.

O sábio Vyāsa classificou as *upanišads* e as distribuiu entre os quatro *vedas*. O *ṛgveda* possui 21 ramificações e há uma *upanišad* destinada a cada ramificação. O *yajurveda* possui 109 ramificações e 109 *upanišads*. O *ātharvaṇa veda* possui 50 ramificações e as 50 *upanišads* estão distribuídas nelas. O *sāmaveda* tem mil ramificações e as mil *upanišads* restantes fazem parte dele. Deste modo, as 1180 *upanišads* foram distribuídas por Vyāsa pelos quatro *vedas*.

*Śaṅkarācārya* elevou o status de 10 dentre as *upanišads*, escolhendo-as para escrever seus comentários e tornando-as, assim, especialmente importantes. Através delas, a humanidade pode se erguer ou cair. Todos aqueles que buscam o progresso e o bem-estar humano estão agora temendo que até mesmo essas dez sejam esquecidas, porque tal negligência conduzirá a humanidade a um desastre moral e espiritual. Entretanto não há razão para tal apreensão. Os *Vedas* jamais serão prejudicados. Os sábios e as pessoas de fé devem apresentar perante a humanidade ao menos essas dez *upanišads*, que são: *īśa*, *kena*, *kaṭha*, *praśna*, *muṇḍaka*, *māṇḍūkya*, *taittirīya*, *aitareya*, *chāndogya* e *bṛhadāranyaka*.

As *upanišads* também inspiraram trabalhos em geografia, astronomia, economia e teoria política, bem como os 18 *purāṇas*, que incluem: *skanda*, *śiva*, *garuḍa* e outros. Os *vedas* e as *upanišads* são os verdadeiros fundamentos do *sanātana dharma*.

Há uma característica interessante a ser apontada. Essa religião não possui um fundador como as outras. Esse fundador invisível é Deus, a fonte de toda a sabedoria. Ele é o Profeta desse *sanātana dharma*. Ele é o fundador. Sua Graça e Inspiração manifestaram-se através dos sábios puros e eles se tornaram os porta-vozes desse *dharma*. Quando a pureza moral dos homens se degenera, Deus toma forma na graça e inspiração dos sábios e mestres. Ele também falou através das *upanišads* da *satya-jñāna*, a Sabedoria a respeito da Realidade.

## TEXTO IV

“Como o nevoeiro perante o sol, a ignorância some diante do conhecimento.”

O conhecimento é adquirido pela investigação ininterrupta. Todos deveriam estar constantemente engajados na investigação de *Brahman* (o Absoluto): a realidade do Eu, as mudanças que ocorrem com o indivíduo no nascimento e na morte, e outras questões semelhantes. Como se remove a casca que cobre o arroz, assim também a Ignorância que adere à mente tem que ser removida pela constante aplicação da abrasiva Investigação do Eu Divino (*ātmā*). Apenas quando se obtém o total conhecimento, é que a Libertação pode ser alcançada ou, em outras palavras, pode-se alcançar *mokṣa*. Depois de se conseguir o conhecimento do *ātmā* mencionado acima, a pessoa tem que seguir o caminho de *brahman* e agir de acordo com a Nova Sabedoria.

Todas as dúvidas que assolam a mente têm que ser resolvidas consultando aqueles que sabem, ou os mestres (*sadgurus*) que vocês tiverem a oportunidade de conhecer. Até conseguir se firmar no caminho mostrado pelo *guru* ou pelos *śāstras* (escrituras sagradas), a pessoa tem que obedecer as regras e instruções firmemente e estar em sua companhia ou estar associada a eles, de uma forma ou de outra. Pois é possível progredir muito rapidamente mantendo-se próximo do sábio que se conscientizou da Verdade. É necessário, com total renúncia e sincera dedicação, seguir as instruções do mestre ou dos *śāstras*; esta é a penitência (*tapas*) real; penitência que leva ao estágio mais alto.

Quando a ignorância e a ilusão que a acompanha, desaparecem, o *ātmā* em todos brilha com Seu próprio esplendor. Tudo o que vemos é como uma miragem, a superposição de uma imagem falsa sobre o Real e a confusão disto com aquilo. As coisas têm um início e um fim; elas evoluem e retrocedem, pois existe evolução bem como involução. Quando tudo é submetido à involução (*pralaya*) apenas *mūlaprakṛti* ou a Causa Original permanece. Apenas a Causa não manifesta sobrevive à dissolução universal. [Jñāna Vāhinī, págs. 5-6]

O *ātmā*, o Eu Interior, está separado dos cinco corpos ou envoltórios do indivíduo, os *pañcakośas*; ele brilha com Seu próprio esplendor; ele é a testemunha das ações e consequência dos três *guṇas* (qualidades da matéria); ele é impassível; é sagrado e puro; é eterno; é indivisível; manifesta a si mesmo; é Paz; ele não tem fim; é ele próprio a sabedoria. Este *ātmā* deve ser reconhecido como o próprio Eu. [Jñāna Vāhinī, pág 6]

Quando o sol levanta, tanto a escuridão como os problemas que surgem dela, desaparecem. Similarmente, para aqueles que se conscientizaram do *ātmā*, não existe mais qualquer escravidão, nem o sofrimento decorrente desse fardo. A ilusão acontece apenas com aqueles que esquecem sua orientação; o egoísmo é o maior responsável por fazer as pessoas esquecerem a Verdade fundamental.

*Mokṣa* (Libertação) é apenas outra palavra para independência, não depender de coisa ou pessoa externa. Se for gentilmente controlada e treinada, a mente pode levar a pessoa à Libertação. Ela precisa estar saturada do pensamento em Deus; isso ajudará na investigação da natureza da Realidade. [Jñāna Vāhinī, pág. 9]

## TEXTO V

As pessoas imaginam estar nascendo, existindo, crescendo, mudando, envelhecendo, definhando e finalmente morrendo. O *ātmā* não sofre tais modificações. Ele é estável, inabalável, permanente, a testemunha de todas as mudanças no espaço e no tempo, não é afetado pelas transformações, assim como a gota d'água na folha de lótus.

A libertação dos tentáculos da mente pode ser alcançada pela aquisição de *Brahmajñāna*, o conhecimento pleno da Divindade Suprema. Esse tipo de libertação é a genuína liberdade. [Jñāna Vāhinī, pg 14]

'Dois' significa diferença, divergência, discordância inevitável. Uma vez que Brahman a tudo Permeia, Ele é Um e apenas Um. É indivisível e indestrutível. Compreender isso é '*Jñānam*', a 'Mais Alta Sabedoria'. [Jñāna Vāhinī, pg 23]

Um sábio sentirá que o Eu Divino (*ātmā*) imanente em todos é o seu próprio *ātmā*; ele será feliz por ser tudo isto. Ele não verá distinção entre um ser humano e outro, porque ele pode experimentar apenas a unidade, não a diversidade - as diferenças físicas de cor, casta e credo, que aderem apenas ao corpo e não são mais que marcas do corpo externo. [Jñāna Vāhinī, pg 25]

*Jñāna* é o despertar do sentimento de Unidade, a compreensão de que nada é alto ou baixo. Esse é o verdadeiro Princípio Divino, o *Brahman*. Uma boneca de açúcar tem cabeça, pescoço, braços e membros, mas cada parte é tão doce quanto a outra. Da cabeça aos pés, existe uma doçura uniforme; não pode haver dois tipos de doçura. [Jñāna Vāhinī, pg 31]

Todos os nomes e formas que preenchem este universo e constituem sua natureza são apenas criações da Mente. Então esta tem que ser controlada e suas fantasias rebeldes têm que ser acalmadas, para que perceba a Verdade. As incessantes ondas do lago devem ser apaziguadas para que você consiga ver o seu fundo claramente. Assim, também as ondas da ignorância que agitam a mente têm que ser serenadas. [Jñāna Vāhinī, pg 37]

Sem o claro entendimento da peça em que atuam como atores, as pessoas caem em erro ao pensar que são indivíduos (*jīvis*) e desperdiçam suas vidas, açoitadas pelas ondas de alegria e tristezas. Quando o mistério é esclarecido e a peça é revelada como uma simples peça, a convicção surge de que você é Ele e que Ele é você. Então, tente entender a Verdade por trás da vida, busque pelo Fundamental, persiga bravamente a Realidade fundamental. [Jñāna Vāhinī, pg 39]

A ilusão (*māyā*), através de seu poder de (1) ocultar a natureza real e (2) sobrepor o irreal ao real, faz com que o Uno, Único Brahman apareça como a alma individual (*jīva*), o Espírito Cósmico (*īśvara*) e o cosmos (*Jagat*), três entidades onde existe apenas uma.

É *māyā* (ilusão) que produz a ilusão de *jīva*, *īśvara* e *Jagat*. Isso é declarado nos Vedas. [Jñāna Vāhinī, pg 43]

A idéia da cobra, que é ilusão (*māyā*), floresce na ignorância da natureza real da corda; essa ideia cresce e torna-se mais profunda quanto mais se esquece a corda, que é a base. A ignorância que evita e adia a investigação da natureza do *ātmā* faz a ilusão florescer. A ilusão (*māyā*), estimulada por esta atitude, torna-se mais espessa e escura. Quando a chama de *Jñāna* ilumina, a escuridão é dissipada junto com a ilusão da alma individual (*jīva*), da Criação (*Jagat*) e do Espírito Cósmico (*īśvara*).

A investigação faz a cobra desaparecer; a partir daí, só a corda permanece. Assim também, *Māyā* e o florescimento da ilusão por meio da mente como *jīva*, *Jagat*, etc. desaparecerão tão logo for feita a auto investigação (*vicāra*) sobre a realidade das aparências. Aí se compreende que não há nada além de *Brahman*. Só *Brahman* subsiste.

A convicção de que este *Jagat* é apenas uma superposição é o Conhecimento Espiritual (*Vidyā*) real. Esse conhecimento espiritual põe fim a toda ignorância. [Jñāna Vāhinī, pgs 44-45]

O conhecimento de que o Eu Divino (*ātmā*) é Tudo preenche e completa; a pessoa é o Eu Divino, total e inteiramente! Isso é o que os Vedas também declaram. [Jñāna Vāhinī, pgs 49]

## TEXTO VI

Todos os *śāstras* (escrituras) derivam seu valor e validade de sua fonte - os *vedas*. Estabelecem métodos e normas em consonância com os princípios e as finalidades definidas nos *vedas*. Para discriminar entre o bem e o mal, deve-se recorrer aos *śāstras*.

Os *vedas* são *apauruṣeya*; isto é: não têm nenhum autor humano identificável. Emergiram de Deus em Pessoa e foram ‘ouvidos’ por santos sintonizados com a voz do Divino. Estes comunicaram a Palavra aos seus aprendizes que as ensinaram, por sua vez, aos próprios discípulos. Esse processo de transmitir os *vedas* e a sabedoria neles contida prosseguiu geração após a geração de gurus e discípulos até a nossa época atual.

As *upaniṣads* são o próprio núcleo dos *vedas*, a verdadeira essência de seus ensinamentos.

O *brahma sūtra* e a *bhagavad gītā* contêm a própria essência dos ensinamentos das *upaniṣads*. Esses três textos escriturais são designados, conseqüentemente, como *prasthāna traya*, as três fontes escriturais. Desde que foram aprendidos escutando-se o guru, são, junto com os *vedas*, denominados *śruti* - ‘ouvidos’.

Somente a aquisição do conhecimento mais elevado pode cumprir a finalidade principal da vida humana. Tal conhecimento torna o indivíduo ciente de que não é o corpo inerte, inconsciente, etc. e, sim, que ele é a própria Consciência que se manifesta como incorporação de *sat-cit-ānanda*, Existência - Consciência - Bem-aventurança.

Quando essa verdade se revela e é experimentada, o homem está liberado, livre da névoa da ignorância (*ajñāna*), mesmo durante sua vida e até que seu período termine. Transforma-se num *jīvanmukta* (liberto enquanto vivo).

A *kaivalyopaniṣad* declara: “*na karmaṇā na prajayā dhanena tyāgenaike amṛtatvam ānaśuḥ*” (Não por meio das ações, do potencial humano ou das riquezas, mas só por meio da renúncia a imortalidade pode ser alcançada).

As ações, nesse contexto, são rituais como sacrifícios, ritos sagrados do fogo, votos, caridades, doações para projetos sagrados, peregrinações, banhos cerimoniais nos rios e no mar. Por intermédio de tais atividades, não se pode conseguir *mokṣa* ou liberação, ou seja, livrar-se do véu da ignorância.

“*Na prajayā*”, (não pelo potencial humano) refere-se à aquisição de autoridade, poder, habilidade e inteligência; atributos que permitem manipular homens e coisas; aquisição de fama e supremacia, de encanto pessoal, saúde e felicidade completa, de uma família grande com muitos filhos; nada disso pode conceder ao homem *mokṣa* ou Liberação.

“*Na dhanena*” (não por meio da riqueza) significa que as ações e atividades mencionadas acima e também as aquisições descritas somente acontecem quando o homem tem a riqueza à sua disposição. Se o indivíduo não for rico, não pode arriscar-se na prática de *karmas* ou em alcançar autoridade, poder, etc. Mas a *upaniṣad* anuncia que *jñāna* (sabedoria espiritual) não

está relacionada com *dhana* (riqueza). E somente *jñāna* pode conduzir à Liberação. Assim, a Liberação não pode ser conquistada por meio de posses. Riqueza não é um meio para se alcançar *mokṣa*.

Então, qual é exatamente o meio? A resposta é: *tyāgenaike amṛtatvam ānaśuḥ*. Só a renúncia pode conferir *mokṣa* ou Imortalidade. *Jagat* (o mundo objetivo) é irreal, inexistente; deve-se renunciar ao equívoco de que ele é real. A compreensão da ideia de que *jagat* é uma superposição feita por nossa mente sobre a Realidade é *jñāna* (Sabedoria). Embora *jagat* pareça real, a pessoa deve estar ciente de que essa aparência é ilusória. E, como consequência, precisa desistir do anseio por obter prazer dos objetos que aparecem e a atraem, aqui e no além. Quer dizer, o indivíduo se libera tão logo renuncie a todos os apegos e desejos: *sarvaḥ tyāgam*. *Ajñāna* ou o conhecimento falso somente pode ser destruído quando se conhece o princípio do *ātmā*. Quando o conhecimento falso desaparece, o sofrimento produzido pelo envolvimento do indivíduo nos altos e baixos de *saṁsāra*, o Mundo das Mudanças, também é destruído.

Sūtra Vāhinī (págs, 10 e 11)

## TEXTO VII

*Ajñāna* e *duḥkha* (ignorância e sofrimento) não podem ser destruídos por rituais e ritos (*karma*) – esta é a lição que as *upaniṣads* nos ensinam. De fato, o que está acontecendo hoje em dia é que o homem se esqueceu de sua natureza real. Acredita que é o corpo, os sentidos, etc. Anseia por prazeres objetivos e se convence de que esses desejos vêm dele mesmo e, sob essa noção equivocada, procura satisfazer suas demandas. Ilude-se de que pode assegurar *ānanda* atendendo ao corpo e aos sentidos. Entretanto, não pode obter *ānanda* com tais tentativas. Ao contrário, é recompensado com desilusão, derrota e até mesmo desastre. Colhe dor e não alegria.

O envolvimento no prazer objetivo finalmente conduz ao sofrimento. Assim, o homem necessita ser dirigido para os meios corretos de se alcançar *ānanda*. De onde se pode obter *ānanda*? Ela não se encontra em objetos externos. O prazer que se pode obter dos objetos externos traz a dor junto consigo.

O *brahma sūtra*, as *upaniṣads* e a *bhagavad gītā* – as três fontes textuais – explicam a verdade de que você é a própria incorporação de *ānanda*. Essas três fontes são suficientes para ajudar o homem a alcançar a sabedoria mais elevada.

É uma tarefa árdua compreender os significados dos sūtras (máximas) contidas no *brahma sūtra*. A menos que a pessoa adquira as qualificações necessárias, não lhe será possível desvendá-las e dominá-las. Quais, então, são as qualificações? Quatro *sādhanas* são estabelecidos pelas escrituras. Quando a pessoa estiver equipada com esses quatro, os significados se tornarão tão patentes quanto uma fruta na palma de sua mão. Então, os quatro precisam ser conquistados pelo homem como uma preliminar para saber a verdade sobre si mesmo.

O *brahma sūtra* também é conhecido como *śārīraka śāstra* e *vedānta darśana*. *Śārīra* significa ‘corpo’. *Śārīraka* se refere a todos os componentes do *ātmā* encarnado: ego (*jīva*), sentidos, etc.; o termo *śāstra* implica em ‘examinar a natureza de tudo isso até o mais alto grau possível’. Quer dizer, o *śāstra* estabelece que *brahman*, o Ser Cósmico é a base sobre a qual tudo o mais é imposto e que a Realidade do indivíduo é a própria Bem-aventurança. [...]

A consciência de *brahman* não pode ser conquistada pela acumulação da riqueza ou mesmo pela doação de riquezas. Nem pode ser conseguida lendo-se textos, alcançando-se posições de poder, adquirindo-se títulos e diplomas, ou ainda pela realização de sacrifícios e rituais previstos nas escrituras.

O corpo é um formigueiro que tem a mente dentro de sua cavidade. E a mente escondeu nessa cavidade a serpente denominada *ajñāna* (Ignorância). Não é possível matar a serpente recorrendo-se às atividades orientadas à satisfação dos desejos (*kāmīya karma*). *Jñāna* é a única arma que pode matá-la.

“*Śraddhāvān labhate jñānam*”. Só a pessoa que tem fé pode alcançar sabedoria. *Śraddha* significa fé nas declarações contidas nas Escrituras (*śāstras*).

## TEXTO VIII

Um *sūtra* (máxima) resume, em poucas palavras, uma vastidão de significados; infinitos e profundos fundamentos. Os *brahma sūtras* construíram a ciência do *vedānta*; reúnem flores multicoloridas de todas as *upaniṣads* e as unem para formar a uma encantadora guirlanda. Cada *sūtra* pode ser elaborado e explicado de diversas maneiras eruditas, de acordo com a compreensão, fé, preferência, experiência e prazer de cada um.

O primeiro *sūtra* de todos é: “*athāto brahma jijñāsā*”. O termo inicial *atha*, tem muitos sentidos literais, mas, neste *sūtra*, o sentido mais apropriado é: “depois disso”. Então, surge a pergunta: “depois do quê?”. É óbvio que se refere a *brahma jijñāsā*, ‘o anseio por compreender a natureza de *brahman*’. Quer dizer, “após o surgimento desse anseio”. E como pode esse anseio emergir? Só pode vir à mente depois que a pessoa adquiere qualificações apropriadas. “Depois disso” significa: “após o indivíduo haver se equipado com essas qualificações”.

*Jijñāsā* não pode render fruto se os *vedas* forem simplesmente estudados. Os *vedas* lidam com o *dharma*. Para compreender *brahman*, é preciso estudar *vedānta*.

Dentre as qualificações preliminares para *brahma jijñāsā*, a primeira é *viveka*: discriminação entre o transitório e o eterno. Em outras palavras, a descoberta de que só o *ātmā* está além do tempo e que todos os objetos perceptíveis pelos sentidos da visão, etc., são apenas transitórios. Só o *ātmā* não sofre nenhuma mudança. Só ele é *nitya satya* (Verdade Eterna). Como consequência da investigação prolongada, deve-se ganhar essa convicção inabalável e estabelecer-se nela.

A segunda qualificação é: “renúncia ao desejo de apreciar, aqui e no além, os frutos das próprias ações”. Isto também é conhecido como *vairāgya* (desapego). O indivíduo deve raciocinar e reconhecer a transitoriedade da alegria e da tristeza, poluições que afetam a mente. Ele se convencerá, então, de que todas as coisas estão aprisionadas em um fluxo; são todas momentâneas e somente produzem sofrimento. O sentimento de desapego nasce em seguida, na mente. *Vairāgya* não envolve abandonar o local de nascimento, o lar, a esposa e os filhos para se refugiar nas florestas. Envolve somente perceber *jagat* (o mundo) como transitório e, em consequência dessa percepção, rejeitar os sentimentos, “eu” e “meu”.

A terceira qualificação consiste nas seis virtudes: controle da mente, controle do corpo e dos sentidos, afastamento dos objetos sensoriais, tolerância, fé inabalável e equanimidade (*śama, dama, uparati, titikṣā, śraddhā* e *samādāna*).

Sūtra Vāhinī (págs. 17, 18)